

(Transcrição)

Rocca di Papa, 5 de maio de 1981

A vontade de Deus segundo a experiência do Movimento dos Focolares

Chiara Lubich num congresso ecumênico – 2ª parte

[...] Fixávamos o olhar em Jesus. Queríamos imitá-lo, não tanto de uma forma exterior, como por exemplo na flagelação ou andando sem alforje, etc., mas fazendo como Ele a Vontade de Deus.

Também víamos os santos dessa maneira, nesta perspectiva. Não deviam ser imitados servilmente. Tal santo fez assim, eu também devo fazer assim, não. Devíamos, tal como ele, fazer a Vontade de Deus. Como eram diversos esses santos uns dos outros, mas quão idênticos no terem todos feito a Vontade de Deus!

Para nós - lembro-me - naquele período, fazer a Vontade de Deus, era todo o nosso Ideal. Tudo. Sim, havia a consagração a Deus, alguns se consagravam a Deus, outros não e, era importante, mas era mais importante a Vontade de Deus. Fazer a Vontade de Deus era a norma que nos ligava a todos entre nós como irmãos, em fraternidade com Jesus e numa relação de filhos com o Pai.

E quem nos manifestava a Vontade de Deus?

Nós a encontrávamos expressa, antes de tudo, na espiritualidade que ia se formando, que estava nascendo. Logo no início compreendemos que existia uma Vontade de Deus especial, que era particularmente amada por Jesus. Era o mandamento novo para os tempos novos.

Era Vontade de Deus para nós atuar sobretudo aquele preceito: "Amai-vos como eu vos amei". E foi para cumprir esse imperativo - que era Vontade de Deus - que fizemos um pacto entre nós, focolarinas. Nós, primeiras focolarinas, olhando-nos nos olhos - como já sabem -, dissemos umas às outras: "Eu estou pronta a morrer por você, eu por você, eu por você, eu por você"... A vontade de Deus. Cada uma por todas. Também o amor a Jesus Crucificado e Abandonado, isto é, a Jesus na sua maior dor, quando grita: "Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 15, 34), era em função daquele mandamento: "Amai-vos como Eu amei" (cf Jo 13, 34). Era necessário amar-nos mutuamente como Jesus nos tinha amado, com aquela medida.

Esse mandamento vivido - o Mandamento novo – também realizava plenamente a unidade desejada por Jesus e permitia que estabelecêssemos a presença de Jesus entre nós [...]. Era para atuar bem esse mandamento que se viviam todas as outras palavras do Evangelho. Deus nos concentrara nele, no Mandamento novo. E com isso nos apercebemos cada vez mais, Deus nos revelara o coração do cristianismo.

Os mandamentos de Deus também nos manifestavam a Vontade de Deus, que nos era expressa, além do mais, pelos preceitos da Igreja, pelos superiores, por exemplo, pelos deveres do próprio estado e pelos sinais dos tempos. Até mesmo as leis civis eram Vontade de Deus para nós, assim como as circunstâncias alegres, dolorosas ou indiferentes.

Tínhamos também uma bússola para indicar a Vontade de Deus, era aquela "voz" dentro de nós, a voz do Espírito. Dizíamos: "Escuta aquela voz"! Era uma das nossas exortações. Habitamo-nos a ouvir aquela voz para saber bem qual era a Vontade de Deus.

Mais tarde, compreendemos um dos motivos pelo qual Deus fundou o focolare, que pode ser vivido em qualquer lugar, também nas famílias e nos conventos, em todo o lado. No focolare estamos, por assim dizer, entre dois fogos: Jesus dentro de nós e Jesus entre nós. Sentimos que Jesus entre nós é como o alto-falante que amplifica a voz de Jesus dentro de nós e nos faz descobrir melhor a Vontade de

Deus para nós. Este também é o pensamento de S. Paulo. Ele diz que, para compreender bem a Vontade de Deus, é necessário estar inserido numa comunidade cristã onde Jesus vive (cf Fp 1,9-10).

Durante os primeiros tempos do Movimento, a vida podia nos faltar de um momento para o outro, porque não estávamos bem protegidas contra os bombardeios aéreos. Por isso, quando nos perguntamos: “Quando é que devemos fazer a Vontade de Deus? A resposta foi imediatamente clara: agora, porque não sabemos se teremos o “depois”, porque podemos morrer de um momento para o outro.

O único momento que tínhamos, verdadeiramente, nas nossas mãos, era o presente. O passado, além do mais, já tinha passado; o futuro, não se conhecia. Portanto, era preciso nos concentrarmos no presente. Vivendo o presente, também o futuro se tornaria presente num determinado momento e chegaríamos ao fim da vida assim. Usávamos, então, o exemplo do trem e dizíamos: quando um passageiro está no trem, para chegar a um determinado destino, não começa a andar para cima e para baixo no trem para chegar antes, não. Ele fica parado no seu lugar e chega. Acontece o mesmo conosco. Devemos viver bem o momento presente, porque o trem do tempo caminha por si só e nos leva ao momento do qual depende a eternidade. E, presente após presente chegaríamos lá.

O que é maravilhoso é que podemos vivê-lo também agora, isto é maravilhoso, porque também agora podemos amar a Deus com todo o coração. Isso é maravilhoso! É isso que é maravilhoso! É que, amando a Vontade de Deus no presente, agora, com todo o coração, toda a alma, todas as forças... [...] Em cada momento da nossa vida, podemos amar a Deus, fazendo a sua vontade. Amá-lo, que é a aspiração da nossa vida. Como podemos amá-lo? Como? Fazendo a Vontade de Deus no momento presente... com todo o coração... toda a alma e amaremos a Deus com todo o coração, toda a alma. É uma maravilha, não acham? Não acham que é maravilhoso? (aplausos)

[...]

Para apresentarmos o nosso Ideal, naquele período, tínhamos sempre diante de nós a figura do sol com os raios. Cada um de nós devia prosseguir na vida, nos instantes que se sucedem, seguindo um raio diferente, distinto daquele do irmão, porque a vontade de Deus para mim não é como a sua, não é como a sua, não é... se bem que sempre num raio de sol, isto é, na Vontade de Deus. Todos, portanto, fazíamos uma única vontade, a de Deus, que para cada um era diferente. Assim, cada pessoa, pela única vontade que nos ligava entre nós, sentia-se uma coisa só também com Jesus, com o Pai e com o irmão.

E, como os raios são de sol, pertencem ao sol, mas são "uma coisa só" com o sol, são sol, assim - comentávamos - a Vontade de Deus e Deus coincidiam: amando a Sua vontade, amávamos realmente a Deus.

Era necessário caminhar sempre no raio, estar sempre iluminados por ele, permanecer constantemente na vontade de Deus, no momento presente. Para conseguirmos isso, muitas vezes era preciso usar violência, isto é, sermos violentos conosco, fazendo silenciar a nossa vontade e arrebatando a de Deus que era, afinal, o seu amor por nós.

Uma vez que permanecíamos durante muitos momentos consecutivos na divina vontade, constatávamos que o jugo do Senhor era leve e suave. Assim, na nossa vida tudo mudava. Por exemplo, os contatos pessoais. Antes, conversávamos com os próximos que nos agradavam e ignorávamos aqueles com quem não simpatizávamos. Agora, pelo contrário, contactávamos todas as pessoas que Deus queria, as amávamos como Ele queria e estávamos com elas enquanto Ele quisesse.

[...]

No momento presente, não podíamos fazer duas coisas, era preciso fazer uma só. Podíamos fazer apenas uma e sentíamos toda essa vantagem espiritual. Quando percebíamos que tínhamos percorrido alguns instantes “fora” da vontade de Deus e nos dizíamos "fora do raio", dizíamos “fora do raio”, nas trevas, deixando viver o “homem velho” dentro de nós, a única maneira para melhorarmos era começar a fazer na hora, imediatamente, a vontade de Deus naquele instante, porque, já que não tínhamos amado a Deus antes, era melhor que o amássemos, pelo menos, agora.

Íamos tecendo, assim, dia a dia, eu diria, momento após momento um magnífico bordado. Os momentos que tínhamos vivido "fora do raio" eram recuperados pela misericórdia de Deus, na qual confiávamos completamente. Para nós, era como se fossem muitos nós vistos pelo avesso de um bordado [...], mas era unicamente a visão humana das coisas, ver os nós. Convencidas de que a misericórdia de Deus preenche cada vazio e ajusta cada rasgão, tínhamos a certeza de que o bordado visto pelo lado direito, assim como é visto por Deus, resultaria perfeito, porque ou Deus vivia em nós ou a misericórdia preenchia os vazios. Portanto, o bordado era perfeito (aplausos).

E a nossa vida no Céu seria como uma das muitas histórias maravilhosas de um filho de Deus.

Atraía-nos, naquela altura, o que tínhamos lido sobre S. Francisco de Sales. Ele, olhando para o futuro, com o espírito profético dos santos, se tinha expresso assim, não me lembro da frase exata, mas é mais ou menos assim: "Os verdadeiros cristãos terão consigo um nome novo esculpido no coração: 'Eu sou a Vontade de Deus sobre mim'". (aplausos) Maravilhoso! [...]